



NEIVA MALLMANN GRAZIADEI

Países peregrinos. Lugares e não lugares da memória em Mario Benedetti e Marta Traba

La nostalgia se escurre de los libros
(Benedetti, *Inventario*)

Entre os anos 70 e 80, floresceu, na América Latina, um tipo de estética literária cujo objetivo era trazer à luz os efeitos das ditaduras impostas aos países do Cone Sul. No Brasil, durante anos, tal estética foi incipiente se compararmos com a existente nos demais países que nos cercam, onde a cultura da memória é moeda corrente em todos os âmbitos. Esta tendência estética tem aumentado ano após ano, levando-nos a

crer que uma das causas seja o maior número de escritores exilados.

Assim, percebe-se que há uma tentativa bem sucedida em abordar o impacto da ditadura no contexto ficcional e nos estudos culturais. Há que se destacar que a narrativa de fala espanhola dos países do Cone Sul visa à atualização sobre a temática do exílio como uma chaga mantida propositadamente aberta, na intenção de manter viva a memória de sua

história cruel da qual somos todos herdeiros.

Nosso objetivo é tratar o exílio como lugar e não lugar da memória em dois autores hispano-americanos: o uruguaio Mario Benedetti (1920-2009) e a argentina Marta Traba (1923-1983). *Geografías* (2000)¹ de Benedetti e *Conversación al sur* (1988)² de Marta Traba fazem parte do conjunto de obras produzidas durante o exílio de seus autores. Elas nasceram no entre lugar da memória; frutos de uma cidadania peregrina.

A epígrafe no início desse artigo fala de nostalgia. Esse é o sentimento que acomete aquele que é levado a traçar a cartografia do exílio pelo mundo. Quem carrega consigo um bilhete muitas vezes de ida sem a certeza do retorno, mas com o desejo da volta, tem a consciência de que, de certa maneira, a partir de então, fará parte de uma experiência extrema. Por causa da nostalgia ele volta quando é possível o retorno. Quem vai para o exílio se torna um país andante, pois leva na bagagem sua língua, sua cultura e sua saudade rumo a outras geografias.

É diferente, por exemplo, de outra categoria de estrangeiro como a do emigrante. Esse sai de sua terra em busca de melhores oportunidades, deixa seu lugar conhecido para começar nova vida em outro país que envolve trabalho, estudos, relações pessoais, etc. Ainda que seja visto como alguém que não fala o idioma local ou venha de outro país, postas por terra as barreiras sociais e econômicas que o caracterizavam como um *Ausländer*³, esse emigrante faz do solo que o recebe a sua segunda casa, fixando raízes definitivamente. Além dessa categoria humana, há outra, a do turista, figura tipicamente pós-moderna que

se desloca de um lugar para outro sem manter uma relação mais profunda com o local. Todavia, diferentemente do emigrante, ele encontra uma estrutura à sua espera; mesmo que não haja um aporte cultural de sua parte, mesmo que não ocorra nenhuma troca de cunho simbólico, esse turista é alguém desejado e esperado. Sua fugacidade é algo necessário para essa condição.

Já a situação do exilado político, nem de longe se assemelha a essas duas categorias, pois elas se caracterizam por um ponto em comum: a livre escolha de deslocamento. Condição que na maioria dos casos não se concede ao exilado devido ao curto prazo para a tomada e posta em prática de uma decisão tão radical. Esse, ao exilar-se, busca acolhida em um lugar que não é esperado nem desejado; raras vezes chega como convidado pelo governo estrangeiro. O emigrante busca um futuro, o exilado, por outro lado, convive diariamente com a fratura de um amanhã incerto; possui o olhar voltado para o passado. Em outras palavras, se o emigrante chegou para ficar, o exilado veio para voltar. Nesse sentido, o novo espaço social é um espaço transitório, fugaz, um não lugar.

O conceito de não lugar repousa na teoria da antropologia da supermodernidade formulada por Marc Augé: “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar” (73). Como o antropólogo afirma, a supermodernidade produz não lugares – não são lugares de história nem de memórias. Em *Geografías*, por exemplo, Paris pode ser vista como uma ausência de lugar por não criar identidades nem relações; expressa deslocamento, tristeza e consciência da condição de estrangeiro. Ao se lembrarem de sua cidade natal, as personagens transformam um espaço abstrato num lugar de

¹ *Geografías* teve uma primeira edição em 1984. Para esse artigo se consultou a de 2000 da Editorial Planeta Argentina/Seix Barral, Biblioteca Mario Benedetti.

² Já *Conversación al sur* foi editada por primeira vez em 1981. Contudo, esse trabalho se baseia na edição de 1988.

³ Termo que significa “estrangeiro” segundo Koltai (79).

recordação, ou seja, da experiência da recordação. Já no romance de Traba, essa experiência se dá por meio de uma conversa com alto teor emocional, e os fatos recordados são o próprio lugar da recordação.

Paul Ricoeur, ao buscar compreender, na teoria husserliana, a problemática da recordação e da imagem, observa que “el recuerdo pertenece al ‘mundo de la experiencia’ frente a los mundos de la fantasía, de la irrealidad. El primero es un mundo común ... los segundos son totalmente ‘libres’, su horizonte perfectamente ‘indeterminado’” (73).

Em *Geografías* a recordação a que se propõem as personagens refere-se ao Uruguai, seu país de origem. É um espaço simbólico e experienciado que entra em cena para minimizar o sentimento de estrangeiridade. Tanto Paris – como lugar de exílio, cujo tempo de permanência é incerto – quanto Montevideu – como lugar recordado – se tornam não lugares. No entanto, esse não lugar que emerge dialogicamente durante o jogo mnemônico protagonizado pelas personagens de Benedetti, é, ao mesmo tempo, um lugar de memória porque há uma necessidade vital por parte delas em recordar o país natal e os acontecimentos como seu universo identitário.

Conversación al sur, por sua vez, se caracteriza muito mais pela urgência em falar, relembrar os fatos protagonizados pelas duas mulheres durante suas militâncias. Não é sobre um país que elas conversam, mas sobre os incidentes traumáticos ocorridos em Montevideu, Buenos Aires e Santiago que marcaram os encontros, desencontros e a fragmentação das relações afetivas. O exílio, além de político, nesse caso, é o próprio sentimento de impotência perpetrado pelo terror de Estado: o medo de que sejam descobertas naquela casa de praia numa Montevideu encerrada no silêncio aterrador da repressão.

O que emana desses atos recordatórios é uma memória “em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança,” segundo as palavras de Pierre Nora (9) em seu texto sobre memória e história e a problemática dos lugares.

Não obstante a ficção, cabe lembrar que Benedetti e Traba tiveram um propósito para escrever *Geografías* e *Conversación al sur*, respectivamente. Portanto, sob que condição as personagens falam? Certamente a partir de uma condição que reconstrói fatos integrantes da história traumática do Uruguai, da Argentina e do Chile; suas vozes são as de centenas de exilados políticos que fizeram da diáspora seu lugar de enunciação. Nesse sentido, os autores resgatam essas vozes por meio da ficção, opondo-se às da história oficial cujo objetivo é induzir ao esquecimento por meio de uma memória coletiva, de cunho negativo, as ações da repressão nesses países.

Nora, ao discorrer sobre “a problemática dos lugares” (7), põe em xeque a relação entre memória e história. A memória se ancora na fragmentação das lembranças, opera uma dinâmica que tem a ver com a própria vida, pois dela depende: “vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e repentinas revitalizações ... a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (9). Já a história, afirma ele, é uma reconstrução, uma representação do passado, encontra-se inexoravelmente atrelada a esse passado sem o qual não sobreviveria. Fixa, faz do tempo uma sequência de fatos, pois dele depende para sua permanência como categoria, segundo suas palavras: “A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas” (9).

Em Augé, não há consideração à história como algo perene, a supermodernidade associa-se aos não lugares; a responsabilidade recai nessa efemeridade

cuja permanência do ser humano em um espaço é fugaz e não propicia identificação; como ele argumenta, “a supermodernidade faz do antigo (da história) um espetáculo específico – como de todos os exotismos e particularismos locais” (101), por exemplo, como anúncios de especificidades de um lugar turístico: “Veneza, cidade dos Doges” (101) sem haver uma troca social entre os indivíduos.

Porém, em um ponto esse autor se aproxima de Nora: ao entender que a história não cria laços de identificação (a não ser que se trate de uma história manipulada, o que remete também, a uma memória coletiva). Para tanto, segundo Nora, é necessário que haja recordação, que torne as lembranças em lugares de memória posto que se valoriza mais o novo e o futuro em detrimento do antigo e do passado. Tudo o que diz respeito a este – monumentos, arquivos, festas – pertencem a outra época, cuja imagem já está esquecida, embora, paradoxalmente, a história deles se aproprie. Como afirma Nora, “e se, ... a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória” (13). Daí a necessidade de uma memória que mantenha o passado em constante diálogo com o presente. Portanto, onde Augé entende como não lugares por não haver identificação, Nora os concebe como lugares de memória para lembrar o que aparentemente perdeu o sentido.

Tal assertiva encontra abrigo na sequência do pensamento de Nora em relação à interiorização individual da memória em função de sua passagem para a história. Ao transformar-se em arquivo, o ato não espontâneo contrapõe-se no “gesto, e no hábito, nos ofícios onde se transmitem os saberes do silêncio, nos saberes do corpo, as memórias de impregnação e os saberes reflexos” (14). Dessa perda resulta a demanda de uma memória individual impulsionada

pelo dever de memória levando cada um a ser seu próprio historiador, o que, de certa maneira, se aplica às personagens dos dois livros, já que elas agregam ao processo de recordação a memória do corpo: não dá para esquecer as torturas, pois as cicatrizes são ao mesmo tempo, parte da história e um lugar de memória.

Geografías

Geografías teve sua primeira edição em 1981.⁴

Os 14 contos que constituem o livro de Benedetti foram escritos enquanto seu autor se encontrava exilado. Inspirado na própria experiência e na de centenas de latino-americanos que foram obrigados a sair de seus países, o livro retrata a vida de seres humanos deslocados e desterritorializados que buscam um lugar que lhes propicie viver o tempo de exílio de forma menos dolorosa. Se trata de uma procura infrutífera posto que o exílio acontece como um gesto de mutilação nas suas identidades impedindo o reconhecimento interior nessa nova geografia.

O título no plural remete a vários espaços identificados como lugares de errância, aqui entendida como um dos muitos conceitos contemporâneos para exílio. A vida fora do país de origem é o tema central do livro. Os exilados transitam entre o passado e o presente, buscando, nos seus pares, sinais, restos de memórias comuns que os mantenham identificados entre si como latino-americanos em um país europeu, conscientes de sua condição de estrangeiros. Suas reações são as de quem perdeu seus pontos referenciais frente aos novos destinos, espaços estranhos nos quais elas se veem levadas a movimentar-se externa e internamente.

O conto que abre o livro tem, justamente, como título “Geografías,” situando o leitor em Paris, cidade que durante muitos anos acolheu os que fugiam da

⁴ Para a análise, usamos a edição de 2000 da Editorial Planeta Argentina/Seix Barral.

Operación Cóndor.⁵ A ação transcorre no *Café Cluny* e no apartamento que Roberto aluga no *Quartier Latin*. O recurso que os três exilados uruguaios encontram para matar a saudade de seu país é um jogo memorialístico no qual Bernardo e Roberto buscam recuperar seus antigos pontos de referências nas lembranças fraturadas, fragmentos das vidas que ficaram para trás. A chegada da ex-namorada de Roberto – Delia – do tempo em que militavam no mesmo partido, acrescenta à brincadeira mais uma carga de recordações e, juntamente com elas, as saudades, a constatação que Montevideu perdera muitos de seus pontos referenciais:

Pavadas que uno inventa en el exilio para de algún modo convencerse de que no se está quedando sin paisaje, sin gente, sin cielo, sin país. Las geografías, qué delirio zonzó. Al menos una vez por semana, Bernardo y yo nos encontramos en el Café Cluny para sumergirnos (frente a un beaujolois, él; frente a un alsace yo) en las dichosas geografías. Un juego elemental y más bien opaco, que sólo se explica por la mufa. Pero la mufa, qué joder, es una realidad. Mufo, luego existo. Y por lo tanto el juego tiene su cosquilla. Es así: uno de los dos pregunta sobre un detalle (no privado, sino público) de la lejanísima Montevideo: un edificio, un teatro, un árbol, un pájaro, una actriz, un café, un político proscrito, un general retirado, una panadería, cualquier cosa. Y el otro tiene que describir ese detalle, tiene que exprimir al máximo su memoria para extraer de ella su postalita de hace diez años, o darse por vencido y admitir que no recuerda nada, que aquella figura o aquel dato se

borraron, no se alojan más en su archivo mnemónico (Benedetti 11).

Como se observa, as personagens de Benedetti, mais que um jogo para iludir o tempo, mais que um momento de nostalgia, operam um dever de memória. Esse lugar de recordação, forjado à custa do jogo entre Bernardo, Roberto e Delia assinala também a busca pela identidade e sua afirmação num lugar estranho, despido de uma memória coletiva positiva que lhes seja familiar. Assim, os três ao recordarem se tornam o que Nora chama de “homens-memória” (18).

Retomando a citação do historiador sobre o enraizamento da memória na imagem e no concreto, a referência por Delia às mudanças ocorridas na paisagem urbana de Montevideu desestabiliza Roberto. Perdido o espaço conhecido, Roberto perde também seu referencial identitário:

creo que ustedes no reconocerían la ciudad. Ese juego de geografías lo perderían los dos. ¿Por ejemplo? Dieciocho de Julio ya no tiene árboles, ¿lo sabían? Ah. De pronto advierto que los árboles de Dieciocho eran importantes, casi decisivos para mí. Es a mí que al que han mutilado. Me he quedado sin ramas, sin brazos, sin hojas (Benedetti 14).

Condição que se agrava ao constatar, já em seu apartamento, as marcas de tortura nos seios de Delia. Elas evidenciam, além da violência sofrida, o abismo que há entre as lembranças do corpo perfeito da jovem e a dura realidade do presente:

Me toma una mano y la guía lentamente hasta su suéter marrón, en realidad hasta uno de sus pechos bajo la lana peinada. No sé por qué comprendo que aquel gesto no tiene su significado más obvio. Los ojos que me miran están secos. No puede ser, no va a ser, no hay

⁵ Plano de inteligência repressiva entre Brasil, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia levado a cabo nos anos 70 durante as ditaduras desses países, tendo os EUA como país colaborador.

regreso, entendés.⁶ Eso es lo que dice. No puede ser, por mí, por vos. Eso es lo que dice. Todos los paisajes cambiaron, en todas las partes hay andamios, en todas las partes hay escombros. Eso es lo que dice. Mi geografía, Roberto. Mi geografía también ha cambiado (Benedetti 18).

Tal como seus destinos, uma fronteira havia sido ultrapassada pelos dois: o exílio e as cicatrizes deixadas pela tortura. Para Roberto e Delia, a verdade fora gravada no corpo da jovem, contrariando uma história hegemônica que invalidava com seu discurso toda e qualquer resistência.

Conversación al sur

O romance, *Conversación al sur* teve sua primeira edição em 1981, quando Marta Traba ainda vivia e foi considerado pela crítica hispano-americana como uma literatura periférica por ser uma produção feminina cujo olhar se voltava para as margens e as minorias. A que se analisa nesse artigo é a terceira edição datada de 1988. O fato de a década anterior ter vivido a época do *boom* literário dificultou, por certo tempo, o reconhecimento de autoras como Laura Esquivel, Isabel Allende e Marta Traba, entre tantas outras. O romance em questão oferece ao leitor uma narrativa comovente e penetrante, lugar do exílio interior, sobre duas mulheres, Irene e Dolores, que recordam suas vidas como militantes durante a ditadura do Uruguai, da Argentina e do Chile. O tempo dessa narrativa se situa entre uma tarde e uma noite subsequente.

Irene acolhe Dolores na sua casa de praia em Montevideu após cinco anos sem notícias da jovem e a

partir do encontro se desenvolve um diálogo denso, no qual o silêncio é o espaço temporal entre as lembranças. Aos poucos, as duas mulheres refazem seus caminhos pelos labirintos da memória e reconstróem não somente os itinerários físicos, mas os laços afetivos que as uniam.

Conversación al sur traz como tema a repressão e a tortura – “Una muchacha, Dolores, a la cual los torturadores en el Uruguay han llevado a abortar pateándola recupera su voz” (30) – relegando o exílio a uma categoria secundária na narrativa, embora não menos importante, já que os lugares de memória se concretizam nas vozes das personagens que recuperam por meio da anamnese o seu passado pessoal e político.

Marc Augé lembra que “a possibilidade do não lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja” (98). Assim, os lugares de *Conversación al sur* se definem nas três cidades nas quais as ditaduras se instalaram, Montevideu, Buenos Aires e Santiago e justo por causa da repressão Traba transforma esses espaços físicos em não lugares, pois que de uma certa maneira a ditadura desterritorializa, torna estrangeiro aquele que a vive.

Irene não tem notícias de seu filho e da nora grávida desde que ela saíra da capital chilena. Enquanto Dolores a guia nos emaranhados das recordações do horror, imagina-os perseguidos, torturados pelos militares chilenos. A chegada inesperada de Dolores, também uma fugitiva, reforça seus temores, suas lembranças. Nelas, as duas mulheres se exilam noite adentro para recordar os acontecimentos e, por fim, desfazer mal-entendidos e mágoas... A memória fragmentada toma corpo após uma palavra pronunciada pela outra: “¿A qué diablos viene a meterse justo ahora que ella está defendiéndose de la memoria?”(9). Indagam-se pelos

⁶ O “voseo” (uso de “vos”), correspondente ao “tú” usado na Espanha, como forma de tratamento da 2ª. pessoa do singular, é uma das variantes do idioma espanhol e, portanto, a conjugação em presente do indicativo se diferencia do “tuteo” (uso de “tú”): “vos entendés = tú entiendes.” É corrente e não tem caráter depreciativo; se institucionalizou tanto no Uruguai quanto na Argentina.

antigos companheiros por meio das recordações, reatam laços afetivos, há muito esquecidos, explicam-se, justificam-se...Temerosas de que as descubram nessa praia distante do centro de Montevideu, em vários momentos daquela absurda conversa – aos sussurros – compartilham a trajetória de militância até aquele momento: espécie de exílio coloquial que dividem entre lágrimas e silêncios esparsos, quiçá tão dolorosos quanto o exílio físico.

É significativo como Traba situa essa geografia da dor ao sul da América Latina, região que, por sua vez, remete ao fim, à margem, já que depois dela há o nada. Diante da dura realidade reforçada pelas lembranças dos fatos ocorridos, ambas as mulheres entendem que não existem perspectivas nem esperanças, somente um abismo as aguarda ao final desse encontro. A construção mnemônica, a princípio individual e depois compartilhada entre as duas, é tênue, presa somente por restos como um quebra-cabeça incompleto e no qual, em dado momento, uma delas encontra, no poço das lembranças, um fato, uma palavra. Assim, sucessivamente, compõem o mosaico de suas vidas, tarde adentro, mas não menos densa na medida em que a história se desenrola para um final temido e sem esperança transformando em lugares de memória, as perseguições, as fugas, os encontros com os amigos. Ao anoitecer, Dolores toma um ônibus e, durante o trajeto de volta ao centro, recorda a conversa que tiveram, reconhece que rever Irene provocou-lhe o retorno às lembranças mais profundas as quais ela fizera um esforço enorme para esquecer:

Bastaron las pocas horas de esta tarde para que se desplegaran delante de mí, en abanico, estos años terribles. ¡Increíble! Este sitio donde yacemos como muertos se iluminó de nuevo de golpe. He visto las catástrofes de mi vida, no como tumbas apagadas, sino como cosas que

fulguran. Me ha convencido por un momento que el infierno es mejor que el limbo. Cualquier cosa es mejor que el limbo (Traba 139).

Por instantes, Dolores teve a sensação de encontrar-se em casa, ao abrigo da violência, pelo fato de a conversa com Irene trazer à tona uma vida dedicada a combater a repressão, deu-lhe sentido; enfim, esse lugar de memória, cavado à custa de lembranças dolorosas e lágrimas, era um lugar conhecido, as recordações como espaço seguro, mesmo aquelas que remetiam às perseguições, quando se escondiam das tropas militares tanto em Buenos Aires quanto em Montevideu; dava-lhe motivo para viver porque era com isso que ela se identificava. Ao chegar na casa materna, Dolores decide regressar à praia. Necessitava seguir a conversa com Irene. Agora, depois de ouvi-la quase a tarde inteira era sua vez de falar, de perguntar-lhe “¿Cómo se hace para vivir con este fardo de desdichas?” (Traba 164).

Após uma longa conversa, ambas acabam adormecendo ali na sala mesmo até serem despertadas pelos golpes brutais na porta, ao que de imediato, descontrolada, Dolores se põe a gritar:

y así quedaron agazapadas en la oscuridad, animales aterrorizados, escuchando cómo saltaban la cerradura de la puerta y cómo golpeaban sonoramente las botas sobre las baldosas de la sala ... el otro ruido, nítido, despiadado, fue creciendo y, finalmente, las cercó (Traba 170).

Há, por parte da autora, a intenção em trazer à luz sua inconformidade com o estado atual de acontecimentos no Uruguai. Contrariando a história oficial, Traba cria uma narrativa ancorada em sua maior parte, nos pedaços de uma memória que pela lógica repressora deveria se calar; contudo, a autora os legitima,

conferindo-lhes um lugar de memória a uma história que é narrada pelos vencidos. Segundo Ana Pizarro:

eleva a símbolo una historia que reconocemos de inmediato, con a la figura de las Madres de la Plaza de Mayo, de la desaparición, la tortura y el espanto, la década infame del cono sur de américa que Marta asume como una herida que le pertenece y de la que necesita gritar el horror (281).

Conversación al sur revela, desde seu início, uma espécie de prelúdio trágico por parte da personagem Irene: “Se estremeció al oír el timbre. No esperaba a nadie y su primer impulso fue quedarse inmóvil, hasta que se fuera el que llamaba” (7).

O romance começa com o toque da campainha e termina com golpes brutais na porta. Lugar de entrada, peregrinação da memória, imaginado lugar de salvação, a porta simboliza o início de um processo de anamnese, no decorrer de todo o romance, e o fim desse mesmo processo sinalizado pelas batidas violentas. E este *sur*, paradoxalmente, tão buscado pelas duas mulheres, intuído da primeira à última página como o fim de tudo, transforma-se no único espaço no qual as vozes silenciadas podem se manifestar. Geografia interrompida.

Conclusão

O livro de contos de Benedetti e o romance de Traba têm como referencial histórico as ditaduras impostas a seus países no mesmo espaço temporal; ambos escrevem a partir de um lugar conhecido: a experiência do exílio vivenciada por eles. A cartografia da distância revelada como exílio se vale de uma memória que resgata, de fatos relativamente

vividos recentemente por seus autores, acontecimentos históricos cuja força emerge nas narrativas de ambos nos interstícios do passado com o presente. Nos descaminhos de uma memória aos pedaços, as personagens de Benedetti e Traba transitam nas margens de um passado traumático, refazendo laços, buscando nos desvãos do passado um sentido para seus futuros que nem sempre se realizam como positivos. Findas as ditaduras, lidos aos olhos de hoje, o livro de Mario Benedetti e o de Marta Traba nos oferecem duas possibilidades: conferir-lhes o *status* de apenas mais uma literatura dos anos setenta, *engagé*, como se dizia na época, e jogar para o fundo de nossa memória um tempo em que a mordança cultural era a tônica no Cone Sul, ou entendê-los como obras que recuperam vozes insubmissas de um momento crucial para a América Latina buscando na literatura o único lugar seguro para realizar “La cultura de la resistencia” reivindicada por Marta Traba:

A veces el artista o el escritor de la cultura de la resistencia no persigue expresamente el lenguaje simbólico o metafórico, sino que actúa como transmisor de una realidad cuya riqueza, variedad y peculiaridad es demasiado atractiva para poder desprenderse de ella (144).

O tema, repressão, foi e continua sendo um campo que oferece, além da ficção propriamente dita, o espaço “identitário, relacional e histórico” pensado por Marc Augé (73) no qual se desenha a todo instante, a trajetória de países peregrinos, simbolizados pelas narrativas de quem experienciou por longo tempo os não lugares da memória.

Referências

- Augé, Marc. *Não lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 2012. Impresso.
- Benedetti, Mario. *Geografías*. Buenos Aires: Editorial Planeta/Seix Barral, 2000. Impresso.
- . *Inventario*. Montevideo: Editorial Alfa, 1965. Impresso.
- Koltai, Caterina. *Política e psicanálise. O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 2000. Impresso.
- Nora, Pierre. “Entre memória e história. A problemática dos lugares.” Trad. Yara Aun Khoury. *Projeto História* 10 (Dez. 1993): 7-28. Impresso.
- Pizarro, Ana. “Marta Traba: Apuntes sobre una omisión.” *O discurso crítico na América Latina*. Org. Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: IEL/Ed. da Unisinos, 1996. Impresso.
- Ricoeur, Paul. *La Memoria, la historia, el olvido*. Trad. Agustín Neira. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2000. Impresso.
- Traba, Marta. *Conversación al Sur*. México: Siglo XXI Editores, 1988. Impresso.
- . “La cultura de la resistencia.” *Revista de Estudios Sociales*. Web. 25 nov. 2013.